

Ensino de Sociologia e formação de professores: reflexões sobre a relação “Universidade e Escola”.

Avance de investigación en curso

Grupo de trabajo 25

Julyana Vilar de França Manguinho

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo trazer a discussão acerca do processo de construção do Ensino de Sociologia dentro das redes básicas de ensino. Como proposta metodológica, foi desenvolvida uma etnografia do contexto educacional. Buscando perceber as representações sociais a partir dos alunos do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFRN e dos professores de Sociologia que estão em exercício. Considerando então o caráter relacional dessa construção, ou seja, situando tanto as forças socioculturais e objetivas dos ambientes escolares e Universitário quanto percebendo o lado individual e subjetivo dos professores. Surgindo assim, reflexões sobre a caracterização dessa disciplina no Ensino Médio.

Palavras-chaves: Ensino de Sociologia, Universidade e educação.

Introdução

Uma das grandes questões relacionadas com o ES¹ é o seu recente aparecimento na estrutura curricular como disciplina obrigatória nas escolas. As etapas históricas anteriores ao momento atual serviram como suporte para construir todo um pensamento e imaginário do papel destinado a essa forma de ensino, papel esse, na maioria das vezes, secundarizado e dissolvido como tema transversal nas outras disciplinas. Através da descrição desses momentos históricos podemos problematizar como a Sociologia é vista e representada no cotidiano da escola hoje², “possibilitando estabelecermos as mais diversas relações analíticas, repensando sua importância na atualidade” (GOMES, 2007; 476).

O primeiro grande período, que compreende aproximadamente à década de 20, a Sociologia nas escolas tinha como característica um ensino que objetivava impulsionar o progresso social, orientado por ideias moralistas e de integração nacional. Além de pensar essa disciplina como uma maneira de dar respostas aos problemas sociais vigentes nesse período, ancoradas por noções positivistas, e com um caráter elitista e normativo. Ao contrário, nesse momento, havia também o início de uma efervescência para uma renovação da educação, principalmente pela divulgação do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, era o início do movimento escolanovistas no Brasil. Segundo Nise Jinkings (2007; 118): “cientistas sociais vinculados a Escola Nova como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Delgado de Carvalho, dentre outros, buscavam na Sociologia os fundamentos científicos para elaboração de reformas e programas de política educacional”.

É nesse cenário que a Sociologia se configurava no início da sua institucionalização, se por um lado a escola se demonstrava com um conhecimento extremamente formal, erudita e abstrato, por outro lado, a proposta do ES era trazer para a sala de aula algo mais crítico e desenvolvendo atividades mais voltadas para o cotidiano do aluno. “A sociologia figurou nos currículos de 1925 a 1942 como

¹ Abreviação para Ensino de Sociologia.

² Porém, não só fatores históricos influenciam no entendimento e na construção do Ensino de Sociologia, essa questão é muito mais complexa e não se reduz unicamente a elementos históricos.

disciplina e com a finalidade de indicar os processos de modernização da sociedade ao mesmo tempo em que contribuía para fornecer uma aura de modernidade ao currículo” (SILVA, 2007; 411).

Já no período entre as décadas de 40 a 80, houve um *desaparecimento* da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, ela então perdeu sua obrigatoriedade dentro da estrutura curricular das escolas. Em alguns contextos ela até tinha seu espaço, mas era ligada à Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil em que “havia a demonstração de mitos e ideologia sobre o Brasil Tropical, sem conflitos, cheio de belezas naturais, entre outras” (SILVA, 2007; 413).

Com as diversas reformas educacionais para adequar o ensino dentro de uma estrutura profissionalizante, a Sociologia deixou de ter seu espaço dentro desse contexto. Em alguns momentos, nem como disciplina opcional ela foi contemplada. Seu *desaparecimento* ganha mais força e fôlego durante os golpes da Ditadura Militar. Nesse período histórico, o pensar, refletir e discutir certas questões sociais iriam na contramão do projeto repressor e autoritário imposto pela Ditadura. Desta forma, não havia lugar para uma disciplina como a de Sociologia, ela era vista como desnecessária e ameaçadora ao sistema vigente, ou seja, um conhecimento social totalmente dispensável para aqueles que estavam de acordo com os projetos autoritários da Ditadura Militar e sua educação tecnicista.

Com a abertura política pós-ditadura, iniciam-se novos debates e reivindicações acerca da inserção da Sociologia no Ensino Médio. Na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, os conhecimentos de Filosofia e Sociologia voltam a estar presentes nas escolas, porém, elas não são citadas como disciplinas separadamente, deixando a interpretação de uma possível associação com os demais conteúdos, seja de uma forma interdisciplinar ou como temas transversais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's - 1999) na sua introdução reforçam ainda mais essa ideia da não obrigatoriedade da Filosofia e Sociologia, suas finalidades seriam então trazer contribuições para se compreender outros assuntos e temas.

Na Lei nº11.684 de 02 de junho de 2008 o então Presidente da República sanciona: “serão incluídas a Filosofia e Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio”. Vale reforçar que essa conquista foi fruto de muita luta por parte principalmente dos sociólogos e educadores que estavam envolvidos com essa discussão. Além do que, a entrada dessas disciplinas na estrutura curricular das escolas faz parte de uma série de debates e discussões que tinham como proposta a superação de uma educação esvaziada de conteúdos e de sentido para os jovens. “Daí surgiram modelos de currículos mais próximos dos currículos científicos, resgataram-se as disciplinas tradicionais, o papel do professor como um intelectual e o papel da escola como transmissora de uma cultura sofisticada” (SILVA, 2007; 414).

É nesse contexto que nos encontramos hoje, com a Sociologia como disciplina obrigatória no Ensino Médio, porém, trazendo algumas questões que tanto refletem toda a trajetória de invisibilidade e incerteza dessa disciplina, como problemas que atingem a todo sistema educacional. Sendo então lançado o grande desafio: refletir sobre essas questões, mas também pensar em estratégias reais que possam ser utilizadas pelos professores que já estão em exercício, ou seja, há uma emergência nessa sistematização dos conhecimentos.

Nessa área de discussão, existem os documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação (MEC) que servem de apoio à prática docente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's - 1999) propõem que o Ensino de Sociologia, Antropologia e Política devem estar integrados com as outras disciplinas das Ciências Humanas (História, Geografia e Filosofia). Desta forma, o ES nos PCN's não é visto como uma disciplina que possui uma identidade própria, além do que, há uma preocupação com as competências e habilidades no processo de ensino/ aprendizagem, valorizando um lado mais conteudista, esquecendo a diversidade social do Brasil e não problematizando o espaço delegado ao Ensino de Sociologia nas escolas. Assim, segundo os PCN's, todas as responsabilidades em “salvar” o ES estão nas mãos dos professores no contexto único da sala de aula.

No entanto, mesmo com alguns problemas metodológicos e estruturais devemos reconhecer os PCN's como um documento legítimo, pois ele foi a primeira iniciativa oficial em trazer o debate

sobre o Ensino de Sociologia. Alguns anos depois e com reflexões mais amadurecidas, as Orientações Curriculares Nacionais (2008) descrevem a trajetória histórica do ES e fornece elementos para sua problematização, sem se prender ao tão falado e esperado “programa único da disciplina”. Acredito que a grande contribuição das OCN’s consiste em argumentar sobre a função social do professor de Sociologia no Ensino Médio, que seria proporcionar/ orientar os alunos para que eles possam lançar um outro olhar para o seu contexto social. Fazendo com que os educandos construam suas próprias reflexões (sociológicas) através dos processos de *estranhamento* e *desnaturalização* das instituições, costumes, valores e fatos sociais. Outra contribuição de cunho mais didático, refere-se a proposição para trabalhar em sala de aula com as *teorias, temas e conceitos* sociológicos de forma integralizada, sem privilegiar um em detrimento dos outros.

Segundo Ana Laudelina Gomes (2007; 477) as OCN’s funcionam como um “documento bastante completo, instigante e aberto a novas proposições (...) a ideia final do texto, de que seja recebido como um mapa de percurso e não como uma receita pronta e acabada é uma de suas mais importantes qualidades”. Oferecendo aos professores espaço para a criação e para construção de novas possibilidades.

Ao procurar fazer uma revisão bibliográfica sobre o Ensino de Sociologia, nos deparamos com o primeiro grande desafio: ele é um objeto de pesquisa pouco estudado. A sua recente entrada nas escolas, o fato dele estar localizado entre duas Ciências: a Sociologia e a Educação³, ou até mesmo a supervalorização da formação bacharelesca nas Ciências Sociais, podem estar contribuindo para essa escassez bibliográfica. Porém, não podemos afirmar com segurança que alguma dessas características se sobreponha a outra, essa é uma questão bem complexa que envolve vários elementos e que precisa ser observado de uma forma mais criteriosa.

Há um outro fator levantado por Florestan Fernandes (1986) e reforçado por Amaury Moraes (2003; 9): as discussões em torno do ES estão/ estavam mais localizados na área das reivindicações políticas para que essa disciplina passasse a fazer parte da estrutura curricular das escolas. Desta forma, havia um discurso militante e engajado sobre esse assunto, mas essas reflexões não estavam sendo apropriadas, e devidamente criticadas metodologicamente pelo circuito acadêmico.

Segundo Amaury Moraes, o debate sobre o Ensino de Sociologia gira em torno de algumas questões: “falta de programas e materiais didáticos, ausência de interesse da comunidade acadêmica, bibliografia esparsa e heterogeneidade de opiniões sobre a obrigatoriedade da disciplina” (MORAES, 2003; 6). O primeiro ponto abordado por ele, falta de programas e materiais didáticos, é o tema mais comentado e discutido sempre que se fala sobre o ES, essa ausência de um currículo⁴ mínimo, ou mesmo em se pensar metodologias e processos didáticos para a sala de aula é o que mais incomoda e desestabiliza os professores, em formação ou em exercício. Amaury Moraes aponta para um dado importante sobre essa carência: “Pode-se dizer aqui também que a intermitência dos debates/ presença da sociologia no ensino médio é parte responsável por essa dificuldade de consolidação de programas e materiais didáticos, bem como sua revogação e aperfeiçoamento” (MORAES, 2003; 11).

Assim, a instabilidade e incerteza da disciplina tanto no Ensino Médio quanto sua invisibilidade na academia, geram essa falta de programas e materiais didáticos específicos. Ou seja, entramos num descompasso entre essas esferas do sistema educacional que tem como consequência o último ponto abordado por Amaury Moraes “a heterogeneidade de opiniões sobre a obrigatoriedade da disciplina”. Se por um lado existe toda uma luta e reivindicação para consolidar a Sociologia no contexto da escola, por outro lado não há um consenso da importância dessa disciplina no Ensino Médio e nem tampouco como transformar os conhecimentos sociológicos em um fazer pedagógico.

³ Fazendo com que um setor pense que é competência do outro pesquisar esse assunto.

⁴ Sobre essa questão do currículo, Ileizi Silva (2007) afirma que precisamos primeiro refletir sobre um projeto maior de educação, sociedade, concepção de homem e escola. Para que então, o currículo do Ensino de Sociologia seja construído, além do que, segundo a pesquisadora temos que ter claro qual o papel da Sociologia na escola.

Isto é, transformar um conhecimento que se fundamenta num fazer *reflexivo*, conhecimento sociológico, num fazer *ativo*, o ato pedagógico.

Nesse debate, encontramos professores, alunos e pesquisadores que defendem a criação de propostas metodológicas e curriculares para o Ensino de Sociologia, assim como argumenta Ana Laudelina Gomes (2007) sobre um “controle social” dentro desse setor:

Mesmo guardando as especificidades de cada estado e município, ou mesmo de uma escola para outra escola (seja pública ou privada) ainda prevalece um modo de organização da prática profissional docente e pedagógico-institucional sem um controle social balizado por instâncias culturais e científicas que construam sistematicamente critérios de orientação e controle social das práticas docentes e escolares (...) acredito que o caminho é este mesmo, fechamos um acordo sobre princípios, sendo um deles o de tentar conter um pouco nossas angústias pragmáticas. (GOMES, 2007; 485)

Em contra partida, existe um número de cientistas sociais que “desejam preservar os conhecimentos da sociologia no campo da produção ou, no campo acadêmico/ científico” (SILVA, 2007; 406), não acreditando na entrada da sociologia no ambiente escolar. Segundo Ileizi Silva, um dos motivos dessa resistência se dá porque os conteúdos de uma determinada disciplina se constroem dentro dos discursos científicos/ acadêmicos, depois havendo um processo de *recontextualização* em que os conhecimentos/ textos e discursos passam por uma reelaboração pelos órgãos oficiais do Estado e destes para a escola. Assim, as informações produzidas no setor Universitário deixam de se tornar *puras* para receber concepções ideológicas das outras esferas, passando pelo controle de outros produtores de saberes, recendo assim as *impurezas* de outras esferas⁵. Esse então, de acordo com a pesquisadora, seria um dos motivos para que alguns atores sociais tenham uma certa aversão à Sociologia no Ensino Médio.

Além das discussões em torno da obrigatoriedade ou não, há também os impasses sobre a construção dos currículos, se eles privilegiariam as competências, temas e módulos, e desta forma poderiam não instrumentalizar os alunos sobre certas noções científicas da Sociologia. Ou então, o currículo seria fundamentado em ideias disciplinares, o que poderia distanciar esse ensino do cotidiano dos alunos. Como podemos perceber, esse campo é marcado por ambivalências e conflitos bem característicos dos processos educacionais e sociais.

Contato com o tema

Atualmente estou como professora substituta do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No semestre passado estava responsável pelas disciplinas de Didática e dos Estágios 1 e 2 nas Ciências Sociais - Licenciatura. Minha formação inicial é em Pedagogia, mas em seguida fiz graduação em Ciências Sociais⁶ e Mestrado em Antropologia Social. Nessas minhas duas últimas experiências acadêmicas eu havia construído algumas impressões sobre como os alunos e professores do curso de Ciências Sociais percebiam o Ensino de Sociologia no Ensino Médio, e para mim, não era uma visão muito positiva. No entanto, quando cheguei atualmente como professora nesse curso, me deparei com um contexto um pouco diferente, a

⁵ Acredito que a resistência de alguns cientistas sociais em acreditar na Sociologia nos ambientes escolares seja bem mais complexa do que essa questão da “pureza” ou “impureza” dos conhecimentos. Essa é uma das questões, mas outros fatores também devem ser problematizados. Como por exemplo, a supervalorização do conhecimento bacharelesco em detrimento das noções pedagógicas.

⁶ Não concluído.

introdução do Ensino de Sociologia no curso de Ciências Sociais veem passando por um processo de valorização (principalmente por parte dos alunos), porém, ainda temos muito o que avançar e discutir.

Na minha inserção nesse contexto como professora, comecei a me sentir *afetada* pela temática do Ensino de Sociologia, foi então, que decidi me aprofundar sobre essa questão. A começar pela problematização da estrutura curricular do curso de Ciências Sociais na UFRN, mais especificamente na divisão entre bacharelado e licenciatura. No turno da manhã a formação é puramente bacharelesca, já a noite é a licenciatura. Na escolha no vestibular os alunos já precisam fazer a opção entre um ou outro, o problema é que alguns não sabem direito qual a diferença entre eles, ou então precisam fazer a escolha pela licenciatura, por uma questão estrutural, já que precisam trabalhar durante o dia e o curso noturno favorece essa atividade. Ou seja, alguns alunos quando chegam no momento de cursar algumas disciplinas voltadas para a educação ou então durante os estágios se demonstram não tão interessados em desenvolver uma carreira docente no Ensino Médio.

Outro debate gira em torno da formação extremamente bacharelesca, mesmo num curso que se diz com habilitação em licenciatura. Na estrutura curricular na UFRN, é oferecida uma disciplina voltada para a perspectiva da educação no 4º Período, que é Didática. No 5º Período eles já iniciam com o Estágio 1 nas escolas, tendo apenas cursado uma disciplina e nada de fundamentos da educação. No 6º Período eles continuam no Estágio 2, cursando também Fundamentos Psicossociais da Aprendizagem, Organização da Educação Brasileira, Tecnologias Educacionais e Elaboração de Materiais Didáticos, no 7º e 8º Períodos eles dão continuidade aos Estágios. As disciplinas complementares também são todas oferecidas dentro de uma perspectiva bacharelesca, os alunos que quiserem se aprofundar na área da educação precisam procurar outro Departamento, não havendo nenhuma disciplina específica sobre Ensino de Sociologia, suas metodologias e conteúdos. Além do que, há uma separação entre os professores, pois os da área de Ciências Sociais não oferecem disciplinas ligadas à docência, e os que ministram essas disciplinas estão ligados ao Centro de Educação, com didáticas mais universalistas, sem pensar as especificidades e particularidades do Ensino de Sociologia.

Essa não é uma realidade exclusiva da UFRN, no texto em que faz um balanço sobre a realidade do Ensino de Sociologia no Brasil, Amaury Moraes (2003) afirma que na maioria dos cursos de Ciências Sociais existe um desequilíbrio entre a formação do bacharel e a do licenciado. Na Universidade de São Paulo (USP), é impossível legalmente licenciar-se sem concluir o bacharelado, para mais de 2.000 horas do bacharelado em Ciências Sociais, somam-se 660 horas de licenciatura. De acordo com esse autor “quando os professores chamam por ‘conteúdos programados mínimos’ de sociologia ou material didático adequado, acabam por manifestar uma formação inicial deficiente para o exercício do magistério em nível médio” (MORAES, 2003; 14).

Diante dessa conjuntura, temos algumas reações: ou os alunos ficam desestimulados em continuar sua formação na área da educação e pensar seu futuro como professores do Ensino Médio, ou então querem aprofundar suas discussões sobre essa temática. Sendo essa última opção a que mais tem chegado a mim enquanto professora. Os alunos de Didática e principalmente os dos Estágios demonstram-se muito interessados em procurar saber “o que” e “como” se configura o Ensino de Sociologia no Ensino Médio. É no momento que eles vão à escola, através do Estágio, que eles voltam para a Universidade com mais questões e dúvidas, demonstrando as consequências de uma formação predominantemente bacharelesca, que não prepara os alunos para enfrentarem a realidade das escolas e das salas de aula.

A dúvida mais frequente está relacionada com o “que ensinar?”, a falta de um programa mínimo para a disciplina e também a ausência de modelos, já que a grande maioria dos alunos não tiveram aulas de sociologia no Ensino Médio, dificulta o planejamento das aulas. É comum percebermos a falta de uma “transposição didática” pelos discentes do curso de Ciências Sociais, ou seja, eles tem dificuldades em transformar os conteúdos e temáticas discutidos e trabalhados na academia por algo próximo da realidade dos alunos do ensino médio. Desenvolvendo então uma

linguagem extremamente complexa e distante dos educandos, com características bem específicas do Ensino Superior.

Através do acompanhamento que realizei com esses alunos pude ir percebendo como o Ensino de Sociologia vem se construindo nesse contexto, principalmente através dos dados que os alunos trazem das escolas para discutirmos nas aulas na Universidade⁷. A primeira grande questão refere-se ao pouco tempo da aula de Sociologia na estrutura curricular do Ensino Médio, na maioria das escolas, só há uma aula por semana de aproximadamente 40 minutos cada. Essa quantidade de aula demarca muito bem o “lugar social” dessa disciplina e do professor dentro desse ambiente, interferindo diretamente na percepção dos alunos sobre a Sociologia.

Mas o maior obstáculo vivenciado pelos alunos/ estagiários é o fato de outros professores de disciplinas diversas, como história, geografia, português ou artes, assumirem as disciplinas de sociologia. Isso acontece porque esses professores precisam desse artifício para completar a sua carga horária na escola. Tento problematizar essa questão com meus alunos para que eles relativizem esse fato e não “culpabilizem” os professores. No entanto, eles acreditam que isso dificulte um pouco o processo do Ensino de Sociologia nas escolas, bem como o desenvolvimento do estágio.

Outro dado que os alunos (dos Estágios) trazem com frequência é a não inclusão diretamente da Sociologia e Filosofia nos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Dificultando assim o *status* dessas disciplinas dentro do circuito escolar, fazendo com que professores e alunos percebam esses conhecimentos como secundarizados, dentro de um ambiente em que existem as disciplinas mais legitimadas e as menos reconhecidas. Mas será que a inclusão da Sociologia e da Filosofia nesse momento seria bom para o fortalecimento dessas ciências? Essas e outras questões irão servir como base para desenvolver o trabalho de campo.

Algumas considerações

Diante do que foi exposto aqui nesse texto podemos ter um breve panorama de como se encontra o Ensino de Sociologia nos contextos das escolas e no meio acadêmico. Podemos perceber também que há um desafio lançado pelos sujeitos sociais que estão envolvidos com esse processo. Porém, acredito que estamos vivendo um momento histórico, extremamente importante e decisivo: já temos a disciplina situada como obrigatória nos currículos escolares, devemos agora avançar nas discussões e pensarmos programas e materiais didáticos específicos. Caso contrário, iremos perder esse espaço já conquistado.

Um exemplo a ser refletido sobre essa instabilidade é a proposta do MEC em unificar as disciplinas de geografia, história, sociologia e filosofia, agregando todas numa perspectiva interdisciplinar em Ciências Humanas. Se esse projeto for de fato implementado nas escolas, qual será o espaço destinado ao ES? Será que a Sociologia conquistará seu lugar ou será mais uma vez diluída dentre os temas transversais? E a formação dos professores em disciplinas específicas, como irá se desenvolver nesse contexto?

Além do que, a inserção definitiva do Ensino de Sociologia no Ensino Médio será uma forma de revigorar o olhar sociológico para as instituições de ensino e seus atores sociais. A escola, seu ato pedagógico e suas relações socioculturais, perpassam por ideias que precisam ser pensadas através de um viés sociológico, desta forma, nada mais coerente do que incluir essa disciplina e seus professores na rede básica de ensino.

Para fortalecer essa construção, temos alunos que estão em formação nas Universidades com a intenção de conquistarem seus espaços enquanto professores de Sociologia no Ensino Médio e com isso ajudarem na edificação da disciplina. Até porque, hoje os estudantes de Ciências Sociais começam

⁷ Esse momento é extremamente rico de informações para mim, pois os alunos começam a representar e dar significado à algumas noções e questões sobre o Ensino de Sociologia.

a visualizar suas inserções no mercado de trabalho como professores, fato que há um tempo não existia. Ou o cientista social iria seguir a carreira acadêmica ou então trabalharia com pesquisa em ONG's ou setor público (algo um pouco restrito). Atualmente existe um bom número de escolas contratando os sociólogos para serem professores, e isso ajuda na construção da identidade desses profissionais como docentes do Ensino Médio, além de ajudar na autoestima enquanto trabalhadores reconhecidos e legitimados.

Essa possibilidade no mercado de trabalho na área da educação ajuda também na institucionalização de um novo perfil de profissional na área das Ciências Sociais. Segundo Amaury Moraes (2007; 402) através da introdução da Sociologia nas escolas abre-se um caminho para que sejam ultrapassados dois limites percebidos nos cursos de Ciências Sociais nas Universidades: o elitismo e a evasão. Por outro lado, a falta de uma unificação e estruturação dessa disciplina no ambiente escolar, provoca uma certa insegurança e indecisão por parte dos alunos dos cursos de CS, como afirma Ileizi Silva (2007; 417): “a instabilidade na legislação a respeito do ensino de sociologia interfere na formação de professores, uma vez que o espaço de trabalho como professores de sociologia não está consolidado”.

Existem também programas dentro da Universidade que auxiliam nesse processo de estruturação da disciplina, como por exemplo o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/ UFRN), que proporciona aos alunos dos cursos de licenciatura uma maior inserção nos contextos das escolas, favorecendo assim um mecanismo de troca entre Ensino Médio e Superior. Alunos e tutores (professores que estão em exercício) recebem uma bolsa para que juntos possam pensar e planejar experiências metodológicas voltadas para fortalecimento do processo de ensino/aprendizagem das instituições básicas da rede pública.

Referencias

BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (2011). Políticas educacionais: questões e dilemas. São Paulo: Cortez.

BOURDIEU, Pierre (1972). Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia Kabila. In: BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática.

BRASIL. MEC/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica (1999). *Parâmetros curriculares nacional: ensino médio*. Brasília, MEC.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ciências Humanas e suas tecnologias (2006). In: *Orientações curriculares para o ensino médio*. Brasília, DF: MEC/ DF.

FLORESTAN, Fernandes (1986). *A sociologia como afirmação*. In: Ianni, Octávio (org), *Sociologia*. São Paulo: Ática.

GEERTZ, Clifford (1978). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira (2007). Notas críticas sobre as Orientações Curriculares Nacionais (OCN's) para o Ensino de Sociologia no Ensino Médio. *Revista Cronos*, Natal-RN, v.8, n.2, p. 475-486.

JINKINGS, Nise (2007). Ensino de Sociologia: Particularidades e Desafios Contemporâneos. Revista Mediações: Universidade Estadual de Londrina, v. 12, p. 113-130.

LeBRETON, David (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Vozes.

MARCUS, George (1995). Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24.

MORAES, Amaury Cesar (2003). *Licenciatura em Ciências Sociais e Ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato*. Revista Tempo Social, USP. São Paulo: Volume 15, nº1, Abril de 2003.

_____ (2007). O que temos de aprender para ensinar ciências sociais? *Revista Cronos*, Natal-RN, v.8, n.2, p. 395-402.

MOSCOVICI, Serge (1978). *A representação social e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

SANTOS, Mario Bispo (2002). *A Sociologia no Ensino Médio: o que pensam os professores da Rede Pública dos Distrito Federal*. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós- Graduação em Sociologia – UnB. Brasília/ DF.

SILVA, Ileizi Fiorelli (2007). A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *Revista Cronos*, Natal-RN, v.8, n.2, p. 403-427.

TOMAZI, Nelson (200). *Iniciação à Sociologia*. São Paulo: Atual.